

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

**CULTURAS DIGITAIS, JUVENTUDES E POLÍTICA: AS MÍDIAS DIGITAIS COMO
ESPAÇO DE RECONHECIMENTO E FORTALECIMENTO DA NEGRITUDE**

**HÉLVIA MONIQUE MODESTO DOS SANTOS
SAMUEL CONSELHEIRO GERMANO DO NASCIMENTO**

Maceió
2020

HÉLVIA MONIQUE MODESTO DOS SANTOS
SAMUEL CONSELHEIRO GERMANO DO NASCIMENTO

**CULTURAS DIGITAIS, JUVENTUDES E POLÍTICA: AS MÍDIAS DIGITAIS COMO
ESPAÇO DE RECONHECIMENTO E FORTALECIMENTO DA NEGRITUDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Psicologia da Universidade Federal de
Alagoas para obtenção do título de Psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Ribeiro Mesquita

Maceió
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA



TERMO DE APROVAÇÃO

HELVIA MONIQUE MODESTO DOS SANTOS
SAMUEL CONSELHEIRO GERMANO DO NASCIMENTO

**CULTURAS DIGITAIS, JUVENTUDES E POLÍTICA: AS MÍDIAS
DIGITAIS COMO ESPAÇO DE RECONHECIMENTO E
FORTALECIMENTO DA NEGRITUDE**

BANCA EXAMINADORA:

MARCOS RIBEIRO MESQUITA – DOUTOR EM PSICOLOGIA SOCIAL -
ORIENTADOR

DÉBORA CRISTINA DA SILVA ALVES – MESTRA EM PSICOLOGIA -
AVALIADORA

APROVADO EM: 25/01/2021.

COORDENAÇÃO DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DO IP

Gilnison Ramos da Silva

Siape: 1612100

Assistente em Administração
Instituto de Psicologia-UFAL

SANTOS, H. M. M; NASCIMENTO, S. C. G. **Culturas Digitais, Juventudes e Política: as mídias digitais como espaço de reconhecimento e fortalecimento da negritude.** Maceió, UFAL, 2020. 27p. (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia).

RESUMO

As juventudes vêm incorporando cada vez mais as mídias digitais as suas interações e relações. A partir da incorporação desse instrumento, as discussões políticas estão cada vez mais evidentes. Cada vez mais, jovens LGBTQIA+, negras/os, mulheres, pobres, pessoas com deficiência, têm construído outras narrativas para suas experiências e vivências. A partir disso, o presente trabalho tem por objetivo analisar como as narrativas produzidas por jovens negras/negros nas mídias, sobretudo no *youtube*, tem contribuído para os processos de reconhecimento e fortalecimento da negritude, enquanto discursos de caráter político. Para isso, partindo da perspectiva interseccional, analisaremos as séries “#HomemNegro”, do canal Muro Pequeno, de Murillo Araújo, e a série “#Youtube Negro”, no canal de Nataly Néri, para isso serão utilizados os seguintes eixos: o lugar de pessoas negras no *youtube*; *youtubers* negras/os e a representatividade; relações e construções de afetividade negra. Percebe-se que a forma como a negritude foi construída no imaginário coletivo influencia diretamente os espaços que as/os jovens negras/os ocupam; como são interpretadas/os, estipulando limites invisíveis e lógicas modernas de reprodução da colonização e exploração dos corpos pretos. Concluímos que é importante a ocupação das mídias digitais como maneira de construir contra narrativas sobre o imaginário negativo da negritude, evidenciando também a participação offline para conquista dos direitos.

Palavras-chaves: mídias digitais, negritude, política.

INTRODUÇÃO

Nossa sociedade tem participado nas últimas décadas de grandes movimentos de globalização, incluindo nesse processo, a disseminação da internet. A emergência das mídias digitais, dado o início da popularização da internet residencial, tem gerado modificações nas experiências subjetivas e nas sociabilidades, modificando os modos de ser e estar no mundo, gerando reconfigurações nos movimentos sociais e práticas de cidadania (COGO; LOPES, 2013).

As mídias digitais têm influenciado e modificado, portanto, as relações estabelecidas em sociedade, criando “comunidades digitais”, em redes e páginas da web; favorecendo relações mais horizontais e menos hierárquicas, configurando espaços de confronto aos padrões culturais supremacistas, capitalistas e patriarcais. Kerbauy (2010), ao discutir sobre maneiras de democratizar ainda mais as novas tecnologias de informação e comunicação, entende que:

Este novo cenário estimula e amplia novas formas de expressão cultural de compartilhamento, de comunicação, criando redes sociais que promovem novas identidades, solidariedade e novas formas de cooperação e interação, produzindo um efeito democratizante e de fortalecimento da cidadania (KERBAUY, p. 64, 2010).

Deste modo, compreender que as mídias digitais inovaram e intensificaram as formas de comunicar, seria também observar as novas maneiras em que somos influenciadas/os a partir desse compartilhamento, como está sendo construída a cibercultura, ou seja, o modo com que interagem e desenvolvem-se uma série de técnicas, práticas, formas de pensar e significar o mundo, em conjunto com o avanço do espaço cibernético (LÉVY, 1999).

Diante dos reordenamentos provocados pela incidência da internet residencial, são ampliadas as possibilidades de narrativas, organizações e compartilhamentos. Uma grande parcela da juventude "vêm experimentando modos múltiplos e contraditórios de apropriações e uso das tecnologias da comunicação na vida cotidiana" (COGO; LOPES, 2013), participam dessas interações não só a partir do consumo, como também sob processos criativos, onde são produzidos significados, imagens, debates e fatos de caráter político.

As mídias digitais têm possibilitado a essas/es jovens a produção e compartilhamento de "ideias, valores, visões de mundo e experiências individuais e coletivas em torno de identidades, interesses e crenças" (MACHADO, 2007). Nesse sentido, concordamos com Martín-Barbero (2008) quando nos diz que a “tecnologia é uma das metáforas mais potentes para compreender o tecido de construção da subjetividade, especialmente entre as novas gerações”. Aparecem como uma nova roupagem do fazer político que soma às antigas

organizações, multiplicando as pautas, modificando as maneiras de mobilização, além de serem ótimos instrumentos de alcance (COGO; LOPES, 2013).

Organizações presenciais provocadas em meios virtuais como os protestos pela morte de Georgie Floyd nos EUA, ou virtuais como "tuitaço" - pessoas articuladas na rede social *twitter* a partir do mesmo interesse em horário e pautas organizadas -, passaram a alcançar espaços consideráveis nas dinâmicas contemporâneas de reivindicação. A segunda estratégia, por exemplo, tem ganhado cada vez mais adesão, especialmente no período de isolamento social motivado pela pandemia enfrentada no mundo a partir da proliferação do COVID-19.

Do uso das redes sociais que pautam as mais diversas questões como raça, gênero, sexualidade e classe social, até as campanhas e manifestações virtuais, as e os jovens têm se impulsionado a denunciar injustiças, organizarem atos, expressarem opiniões, divulgarem suas ações. Essas e esses jovens parecem dar sentido ao que Rancière (1996), afirma sobre a política. Ele diz: “a atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto (...) faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho”.

A internet, em especial, o *youtube*, surge enquanto um espaço de aparente democratização e maior circulação das narrativas. A produção realizada nesta rede audiovisual estabelece uma constante entre o que a juventude está vivenciando em comum, dialogando com experiências individuais; provocando diálogos entre a nova maneira de comunicar com as maneiras antigas de compartilhamento, uma experiência que partilha signos de forma global através de experiências particulares e territorializadas (MATOS; MAIA; VILAS-BOAS, 2019).

Ao pensar o *youtube* como um novo meio de comunicação e de mídia alternativa, Santos, G. (2019), compreende-o enquanto um espaço modernizado para a expressão da intelectualidade. A plataforma deixou de ser apenas um *player* de vídeo, tornando-se um grande arcabouço de cultura popular, o segundo maior buscador do planeta (MOLITERNO, 2017). Reconhecendo a dimensão tomada por essa mídia digital, temos como objetivo, analisar, como as narrativas produzidas por jovens negras/negros nas mídias, em especial no *youtube*, tem contribuído para os processos de reconhecimento e fortalecimento da negritude, levando em consideração o caráter político do que vem sendo produzido.

Utilizamos o *youtube* nesse processo, pois compreendemos a plataforma como espaço de mídia alternativa, local democrático onde é possível a existência de narrativas contra hegemônicas que foram por tanto tempo silenciadas pelas mídias convencionais e apagadas em âmbito acadêmico (SANTOS, G. 2019).

METODOLOGIA

Essa escrita se constitui como fruto de duas trajetórias que em diversos momentos se cruzam, tendo a negritude como ponto principal de ligação. Os assuntos aqui abordados perpassam não só nossos conteúdos individuais, como também fazem parte de nossos itinerários acadêmicos, projetos de iniciação científica, projetos extensionistas e monitorias.

Dessas experiências atravessadas pelo debate em torno das relações raciais e das mídias como espaços e instrumentos de visibilização de narrativas contra-hegemônicas, surge o interesse em analisar como as narrativas produzidas no *youtube* por jovens negras/negros, têm contribuído para os processos de reconhecimento e fortalecimento da negritude, enquanto discursos de caráter político. Para isso, elegemos duas séries #YoutubeNegro de Nátaly Neri e #HomemNegro de Murilo Araújo, resultado do *Youtube Black Brasil*. As produções foram ao ar respectivamente, em novembro de 2017 e 2018, no mês da consciência negra, e estão disponíveis nos seus canais dentro da plataforma.

A série #YoutubeNegro foi produzida por Nátaly Néri, através do incentivo do *YouTube Black Brasil* com objetivo de discutir as questões raciais em diversos âmbitos, trazendo novas/os produtores de conteúdo negro para o seu canal, promovendo-os e amplificando os olhares sobre os temas abordados¹. Dentre eles são discutidos temas como: maternidade negra, machismo e as intersecções com raça, padrões estéticos, afetividade, dentre outras pautas que surgem a partir das provocações feitas pela *youtuber*. A série de Nátaly possui dez vídeos, estando apenas um deles fora do ar.

A série #HomemNegro também foi construída a partir do incentivo do *youtube*, a partir do *YouTube Black Brasil*. A sequência de vídeos produzida em 2018, e conduzida por Murillo Araújo em seu canal Muro Pequeno, busca trazer pessoas pretas de áreas distintas na tentativa de compreender onde estão os homens negros na plataforma. Para isso, Murillo constrói uma sequência de cinco vídeos onde convida homens negros héteros, homens negros gays, mulheres negras, uma família cishétero afrocentrada, e, a partir do questionamento de onde estão os homens negros no *youtube*, provoca discussões sobre sexualidade e negritude, paternidade e maternidade negra, encarceramento e juventudes, dentre outros assuntos caros à negritude e presentes na contemporaneidade².

¹ As/Os participantes da série são: Magá Moura, Xan Ravelli, Gabi Oliveira, Murillo Araújo, Tássia Reis, Joyce Gervaes, Tati Sacramento, Egnalda Côrtes, PH Côrtes, Ana Paula Xongani, Elza Soares e PC Siqueira (episódio excluído).

² As/Os participantes da série são: Leopoldo Duarte, Rodrigo França, Tulio Custódio, Caio César, Bruno Cândido, Edu Carvalho, Família Quilombo (Adriana, Jones, Dandara e Aquins), Natália Romualdo, Maristela Rosa, Nathália Braga, Gabi Oliveira, Claudio Lima, Jean Fontes, Cleyton Santana, Spartakus Santiago, Biel Braga, Sam Santos, Samuel Gomes, Marco Antônio Fera, Valtinho Rege, Jota C Santos e Joely Nunes.

A escolha das produções #YoutubeNegro e #HomemNegro deram-se na medida em que compreendemos que os debates construídos de forma crítica e carregados de sentidos políticos, produzidos nas mídias digitais não convencionais, possuem amplo alcance e deslocam-se do lugar acadêmico, onde maioria das experiências pretas são apagadas e subalternizadas (SANTOS, K. 2019). Desta maneira, as produções parecem relacionar-se ao nosso desejo de observar e compreender como as discussões desses temas podem contribuir para o processo de fortalecimento e reconhecimento da negritude.

Diante disso, a pesquisa localiza-se metodologicamente na abordagem qualitativa de caráter exploratório, que, de acordo com Chizzotti (2009), busca analisar o processo vivenciado pelos sujeitos, considerar suas experiências de modo singular, visando compreender os significados que eles dão às suas ações e como constroem suas vidas e suas relações. A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, acredita-se haver um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Foi utilizada, para melhor elucidação do estudo, a análise interseccional, uma vez que, segundo Lavor Filho *et al* (p. 234, 2018): “o debate interseccional posiciona-se como uma forma de dar ênfase nas problemáticas das populações estigmatizadas e oprimidas pela base colonial dos países eurocêntricos”. Com base nessa perspectiva entendemos que os marcadores sociais denunciam desigualdades que nos dão subsídios para novas reflexões sobre a contemporaneidade (LAVOR FILHO *et al*, 2018).

Durante o processo de análise das falas trazidas durante as produções por nós escolhidas, buscamos realizar um diálogo entre as experiências de teóricas/os negras/os, que nos dão subsídios para pensar sobre o que vêm sendo produzido pelas juventudes à luz de construções teóricas que por muito foram e são subalternizadas. Dessa maneira, trazemos para o diálogo, vozes contra hegemônicas que são também produtoras de conhecimento (GROSFOGUEL, 2016; HALL, 2016; SANTOS, 2007).

Buscando abarcar satisfatoriamente os conteúdos trazidos nas duas séries, em função de uma escolha metodológica, optamos por dividir nossa análise nos seguintes eixos: 1. O lugar de pessoas negras no *youtube*; 2. *Youtubers* negras/os e a Representatividade; e 3. Relações e construções de afetividade negra³.

³ Das séries #YoutubeNegro e #HomemNegro foram utilizados em nossa análise, respectivamente, os seguintes vídeos: a) [Onde estão os negros no Youtube?](#), [Mulheres negras e autoestima](#) e [Relacionamentos e afetividade negra](#); e b) [#HomemNegro 1: Onde estão os homens negros?](#), [#HomemNegro 2: Violência e Encarceramento](#) e [#HomemNegro 5: Bichas pretas e a masculinidade](#).

A partir desses eixos, propomos dialogar acerca do lugar das pessoas negras no *youtube*, a importância de ocupar esse espaço, considerando os efeitos positivos da representatividade negra e como os discursos produzidos por elas/es têm contribuído para o reconhecimento e fortalecimento da negritude. Para isso, construímos diálogos entre aquilo que é dito durante as séries, às narrativas, a literatura disponível, e aquilo que também nos atravessa.

Escolhemos uma metodologia de trabalho onde as/os pesquisadoras/es investigam membros de seu próprio grupo social ou de lugares sociais similares. Trata-se de pesquisas realizadas entre iguais, centradas em sujeitos e suas experiências. Essed (1991) citada por Kilomba (2019) apresenta esse tipo de produção denominada de *study up*, uma metodologia que propõe condições não hierárquicas entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa. Além disso, a metodologia *study up*, propicia maior envolvimento dos sujeitos participantes com a temática.

Como postura ética, adotamos a metodologia feminista. Esta aposta metodológica compreende a produção da ciência como um espaço produtor de discursos hegemônicos e, por isso, problematiza seu discurso de neutralidade e distanciamento da/o pesquisador/a, com aquilo que está sendo pesquisado. Assim, propomos uma pesquisa mais aproximada onde adotamos a relação sujeito-sujeito (NEVES; NOGUEIRA, 2005; NARVAZ & COLLIER, 2006; KILOMBA, 2019).

Em função disso, nos colocamos em primeira pessoa em diversos pontos da escrita, nos apresentando enquanto sujeitos negro e negra. Um atravessado pelas questões de sexualidade e classe, e a outra pelas questões de gênero, respectivamente. Nesse processo, nos permitimos ser colocada/o face a face com uma mulher negra e um homem negro gay, o que promoveu em nós deslocamentos e reflexões, no sentido em que, na construção dessa escrita, ao mesmo tempo em que produzíamos algo sobre essas narrativas, estas mesmas produziam algo em nós, nos guiando para o fortalecimento de nossas negritudes, de forma com que fossemos não só autora e autor da pesquisa, como também desempenhamos um lugar de co-autora e co-autor nesse processo.

ANÁLISE/DISCUSSÃO

1º Tópico - O lugar das pessoas negras no Youtube

Ao entender que o número de inscritas/os, define a dimensão das/os *youtubers*, qual seria seu tamanho e impacto, é possível observar que dos 10 canais brasileiros com mais

inscritas/os na plataforma⁴, nesse momento em que escrevemos o texto (07/12/2020), apenas um deles, o canal “Você Sabia?” possui um homem negro enquanto dono e produtor de conteúdo. Mesmo assim, seu canal é construído em parceria, onde um dos dois produtores, Lukas Marques, é branco e compõe a formatação do canal.

Logo, observar que *youtubers* negras/os não figuram a lista das/os dez maiores criadoras/es de conteúdo do Brasil, é entender as nuances da problemática do racismo que rotula e estigmatiza as pessoas negras enquanto incapazes intelectualmente de produzir sobre outras questões que não as demandas relacionadas a suas experiências negras, como bem denuncia Santos, K. (2019).

Essa ausência também demonstra o medo da presença preta nos lugares de protagonismo e destaque, como produtoras/es, criadoras/es de conteúdo, de suas realidades e detentoras/es de suas próprias narrativas. Evocando as provocações feitas por Fanon (2008) em *Peles Negras, Máscaras Brancas*, esse cenário também denuncia a excelência cobrada da/o sujeito negra/o, em que é necessário ser duas vezes melhor, nesse caso, para provar que é digna/o de *likes* e inscritas/os.

Partindo disso, compreendemos que nós, pessoas negras somos colocadas em lugar de marginalidade, no sentido de estarmos à margem, não só nas produções acadêmicas, como também ausentes nos postos de destaque na plataforma.

Historicamente, o lugar do homem negro... e é muito importante esses dois marcadores, né? Ser homem, de gênero. E ser negro, de raça. É... designam, né? Colocam o homem negro no lugar, que é o não lugar. Né? É o não lugar da realização profissional, é o não lugar da representação, é o não lugar dessa masculinidade hegemônica que se coloca e ao mesmo tempo é um não lugar do racial. Então, ele está em movimento. O homem negro ele existe, ele faz, ele produz {...} ele "tá" institucionalizado, ao mesmo tempo que ele está na sarjeta, na rua. Ele está no trabalho, mas em postos... nos mais baixos... produzindo. E ele existe! Ele está em movimento! Mas ele está em movimento em não lugares. E isso significa exatamente não encontrarmos onde ele chega... o seu ponto de destino (Túlio Custódio, 01min32seg - 02min32seg, #HomemNegro1: Onde estão os homens negros?, 2018).

A partir da fala de Túlio Custódio é possível encontrar pistas iniciais para responder à pergunta feita por nós nessa categoria de análise. No primeiro episódio da série “#Homem Negro”, intitulado: “onde estão os homens negros?”, os participantes afirmam que estes homens existem, mas encontram-se em um “não lugar.” A ambiguidade do termo é intencional

⁴ *Kondizilla* (59,5 milhões), Whindersson Nunes (40,3 milhões), Felipe Neto (39,1 milhões), Você Sabia? (36,2 milhões), Luccas Neto (31,6 milhões), *GR6 Explode* (30,3 milhões), *RezendeEvil* (27,7 milhões), Galinha Pintadinha (23,5 milhões), Maria Clara & JP (21,5 milhões) e Canal Canalha (19,9 milhões) (MAIORES E MELHORES, 2020).

e provocativa: os homens negros estão em um lugar de invisibilidade, de marginalidade social, sendo, intencionalmente, desconsiderados.

É importante compreendermos que a vida *on-line* reproduz a vida *off-line*. Segundo Carla Abreu, as atividades realizadas nos ciberespaços ainda refletem quem somos, sendo um campo passível de desigualdades (ABREU, 2017). Assim como na sociedade, o racismo e suas modelações estão também presentes no *youtube* e nas plataformas digitais, fazendo com que os discursos produzidos por pessoas negras sejam deslegitimados, e, desta forma, pensando esse contexto, os números de visualizações e compartilhamentos também são afetados. Nátaly Neri dialoga a respeito desses desafios para as/os produtoras/es de conteúdo negras/os a partir da seguinte fala:

Uma vez que o Youtube reproduz os parâmetros que já estão dados na sociedade, a gente entende o que... que a maior população pobre no Brasil é negra, ou seja, nós não temos acesso às melhores tecnologias, não temos dinheiro para comprar, por exemplo, a super câmera, porque é caro, é difícil, é complicado você arrumar” (Nátaly Neri, 3min36seg - 4min04 seg, Onde estão os negros no youtube?, 2016).

Os levantamentos mais recentes apontam a não presença de pessoas negras em espaços de destaque (apenas 10% dos/as negras/os ocupam as chefias), ao tempo em que, figuramos os altos índices de encarceramento nas cadeias (64% da população carcerária é negra) e de despejo nas ruas (67% são pessoas pardas ou negras) (G1, 2017; CARVALHO, 2018; EXAME, 2019; SASSE; OLIVEIRA, 2019). Estamos sempre à margem, sendo o espaço do *youtube*, um lugar não central para ocupação.

Basicamente assim... esse homem negro está falando, mas não necessariamente na plataforma youtube, ou na internet. Quando a gente vai pra o universo do samba, do rap, esse homem negro está se expressando. "Cê" tem hoje, uma narrativa muito importante no teatro. Que esse homem negro está escrevendo... esse homem negro infelizmente ele não está publicando em livros. E é isso! Acredito eu que, por mais que esse homem negro, ele não conceitue, ou academicamente ou artisticamente sobre: a cada 23 minutos um homem negro... um menino, um jovem negro, morre. Ele sabe e ele vai se expressar de outra forma. Existem pautas que são urgentes, são ditas, mas de outra forma. Eu acho que a gente tem que ir pra plataforma: internet. Mas a gente não pode esquecer que falamos (Rodrigo França, 2min34seg - 3min33seg, #HomemNegro1: Onde estão os homens negros?, 2018).

Rodrigo França, também participante do primeiro episódio da série “#Homem Negro”, traz a partir da sua fala, outras dimensões do estar e falar negro. A fala do participante dialoga com o que hooks (2019) e Kilomba (2019) discutem em suas obras. Rodrigo traz o corpo enquanto lugar de fala. Esse deslocamento, partindo das autoras citadas, foi provocado pelas constantes tentativas da branquitude em deslegitimar nossas falas e nossos olhares sobre o

mundo. Rodrigo entende a produção de discursos para além da plataforma *youtube*, trazendo para o campo das narrativas o rap e o samba, espaços que são também expressão do povo preto.

Historicamente, o rap foi constituído enquanto um local onde pessoas negras podem expressar suas narrativas de denúncia, encontrando um espaço extra acadêmico para mantê-las (SCANDIUCCI, 2006; FERNANDES; MARTINS; OLIVEIRA, 2016). A música mostra-se enquanto uma das principais formas de tradição da cultura negra; o samba, o reggae e o rap, em especial, se transformaram num lugar de manutenção das narrativas, espaços de resistência onde as vozes negras ecoam luta e dor. Esses ritmos aparecem como ritmos consumidos e produzidos por nós, negras e negros, dos quais falam sobre nossas vivências, construindo outras imagens sobre o nosso estar no mundo, em busca da elucidação de um outro imaginário (RIGHI, 2011; FERNANDES; AZEVEDO; SANTOS, K. 2019).

A/O negra/o foi sendo historicamente constituída/o no imaginário a partir de estereótipos, assim como compreende Hall (2016). Essas características dadas como homogêneas, foram reforçadas nos espaços de mídia, produzindo figuras imagéticas discursivas do viver e do ser negra/o. Esse pensamento, estigmatiza as possibilidades de ser, delimitando até quais lugares, nós, negras/os podemos chegar, numa construção de narrativas limitante e racista, da qual objetifica e reduz a pessoa negra, como se fossemos seres tão próximos do animal que nossas características parecem previsíveis e comuns a todas/os que compartilham do viver não branco.

Esses ritmos musicais, como entende Righi (2011), vêm furando os guetos, levando a denúncia para outros espaços. Entendemos que o *youtube* também pode ser um espaço para a expressão desses discursos contra hegemônicos que furam bolhas. Pensando assim, a produção provocada e produzida por pessoas negras na plataforma, constroem pontes de diálogo para repensar as figuras imagéticas discursivas produzidas sobre nós, negras/os, tomando o lugar de construção e manutenção de narrativas que fazem sobre nós, para nós. Ocupar as mídias significa ocupar um lugar de representatividade, ecoar a luta de um povo, expressar discursos carregados de significados e sentidos políticos. Representa um espaço de protagonismo na narrativa da realidade e experiências sobre a negritude.

A discussão da categoria *raça* é o diferencial entre a produção de pessoas negras e brancas na plataforma. Na série #YoutubeNegro, episódio: “onde estão os negros no Youtube”, Nátaly Neri, questiona essa diferença do *lifestyle*⁵:

Branco não fala sobre *lifestyle* branco e negro faz um *lifestyle* negro, mas porque não tem negro fazendo *lifestyle* geral? A gente tem esse outro

⁵ *lifestyle* são produções de conteúdo na internet sobre características pessoais, dia a dia, ideias e valores.

problema no Brasil, porque branco não se enxerga enquanto raça” (Nátaly Neri, 4min08seg - 4min18seg, Onde estão os negros no youtube?, 2016).

Compreendemos a partir da fala de Nátaly, os padrões normativos da branquitude, na qual não se incluem na categoria de raça. Segundo Mbembe (2018), negritude e raça têm sido considerados sinônimos em nossa sociedade. Isso coloca as pessoas brancas num lugar confortável, estabelecendo sua raça como normal, posicionando o/a outro/a, ou seja, o/a negro/a como aquele/a que possui raça.

O encontro da branquitude com a construção da negritude provoca uma alteridade (KILOMBA, 2019). Em outras palavras, a branquitude forja a categoria raça como sendo algo apenas da negritude, não se reconhecendo também enquanto uma. Esse mecanismo, como preconiza Kilomba (2019), tende a reduzir o sujeito preto enquanto aquele que possui uma série de características indesejáveis, julgadas enquanto rejeitáveis para a branquitude. Ser negro/a significa, dentro dessa lógica, pertencer a uma raça animalesca e homogênea, sem direito a uma subjetividade (HALL, 2016). Enquanto ser branco/a, é não ser questionado/a quanto a raça, é ser a norma. Como dito por Leite (2020, p. 14-15):

a branquitude é um conceito elaborado a partir de um discurso ético, criado para desvelar certos processos e relações estruturais de dominação, para desmascarar a face oculta do colonialismo, como um operador sub-reptício de naturalização do branco e para transformá-lo em ideal e em universal.

Esse posicionamento interfere diretamente no alcance das discussões a respeito de questões étnico-raciais. O conteúdo de pessoas negras tem um alcance restrito devido às temáticas de seus vídeos e ainda por trazerem e serem a personificação de performatividades que fogem à normativa, o que contribui para a não identificação de um público misto em seus espaços de produção de conteúdo.

Embora as dificuldades para *youtubers* pretos/as sejam nítidas, ressaltamos a importância da negros e negras ocuparem esses espaços, no intuito de (re)construirmos um imaginário coletivo positivo à respeito da experiência negra. Kilomba (2019) nos convida a fazermos essa movimentação, argumentando sobre a necessidade de desenvolvermos narrativas próprias a partir de nossas percepções e definições sobre a negritude. Para a autora (2019), somente é possível “(re)definir e recuperar a própria história e realidade” a partir dessas produções. Percebemos que estes são conhecimentos “emancipatórios alternativos”, ou seja, ao ecoarem sons de luta, confrontam as ordens dos espaços midiáticos convencionais, regidos por concepções colonizadoras (KILOMBA, 2019).

Segundo hooks (2019), devemos buscar alternativas no intuito de recuperarmos uma identidade positiva, uma negritude que fale de poder e afeto, e não de ódio e dor. Devemos

seguir na tentativa de romper com as velhas narrativas, devemos buscar alternativas de contemplar a negritude, de protagonizar a subjetividade de pessoas negras e produzir espaços de representação.

Essa plataforma, representada em produções como as que escolhemos para análise, está para nós e para tantas outras/os, enquanto um espaço de promoção para além da consciência de si, no sentido em que permite representatividade. Promove encontros com uma negritude positiva, como também se estende à promoção de consciência política. O *youtube* tem sido, na voz das/os *youtubers*, um campo de transgressão e de afeto. Local de encontro e reconhecimento, potencializador dos discursos.

As produções e o incentivo destas, são importantes, no sentido em que ser sujeito é poder performar suas individualidades localmente, como também, influir no todo; "ver interesses individuais e coletivos reconhecidos, validados e representados oficialmente na sociedade" (KILOMBA, 2019, p. 74-75). Segundo a autora, o racismo nos proporciona uma experiência de incompletude, em que não detemos poder e direitos essenciais. Nosso trabalho coloca-se enquanto instrumento de autenticação em que pessoas negras possam "performar a subjetividade" através de seus relatos nas séries de seus canais, trazendo-as/os enquanto sujeitos que não só fornecem elementos, mas produzem a pesquisa (KILOMBA, 2019, p. 81).

Concluimos esse tópico então, entendendo que o lugar da pessoa negra no *youtube* significa, principalmente, a possibilidade de *tornar-se*⁶, se constituir como "sujeito", no sentido em que há possibilidade de narrar a própria realidade, ocupando um lugar para além da "outridade", lugar a qual temos sido enquadrados. As produções têm surgido como fonte de representação, resistência e oposição, tem sido um espaço de ressignificações e reinvenções. Só conseguimos ser aquilo que podemos ver.

2º Topico - Youtubers negros/as, estereótipos a representatividade.

No sentido em que produzimos esse trabalho e analisamos os discursos contidos nas séries e o que estes têm provocado em nós, pensamos sobre a necessidade de ainda precisarmos falar sobre representação, ainda falar sobre um processo de construção de si, de uma identidade negra que nos é recusada e ofuscada pelas várias tentativas de embranquecimento e pelo racismo a qual estamos sujeitas/os.

Talvez a explicação do porquê da necessidade de precisarmos falar sobre representatividade e conseqüentemente sobre a construção da identidade negra, na qual para

⁶ Conceito apresentado por Kilomba (2019) para dialogar a respeito da relação entre o eu e a/o "Outra/o".

muitas/os negras/os, essa construção não está posta desde a infância, mas após anos de negação de si mesmas/os, está nas imagens da negritude à qual somos apresentadas/os e representadas/os e como estas imagens provocam feridas em nós. “Essas lacunas na nossa psique são os espaços nos quais penetram a cumplicidade irrefletida, a raiva destrutiva, o ódio e o desespero paralisante” (HOOKS, 2019, p 36).

Somos paralisadas/os pela raiva e vergonha sendo, portanto, sujeitas/os a anulação de nós mesmas/os, de nossa identidade. Para hooks (2019), os modelos hegemônicos têm influenciado diretamente a maneira como nós negras/os, temos nos construído e experienciado nossa negritude, agindo sob “a maneira como nos imaginamos, nos descrevemos e nos inventamos, inibindo assim a possibilidade de libertação” (HOOKS, 2019, p. 33). O pensamento de hooks dialoga diretamente com a fala de Caio César, participante do segundo episódio da série #HomemNegro do qual discute a violência e o encarceramento:

Quando a gente fala sobre essa questão da violência, com a questão da masculinidade negra, a gente fala muito sobre uma construção de imagem. De como a mídia, o estado, e a sociedade de uma forma geral, construiu ao longo de vários anos e décadas, a imagem do que é ser um homem negro. Quando a gente fala sobre a nossa masculinidade a gente repensa a forma como a gente age, mas também as formas como as pessoas nos enxergam. E nos enxergam como pessoas violentas (Caio César, 5min32seg - 6min05seg, #HomemNegro2: Violência e encarceramento, 2018).

As produções midiáticas, em especial as desenvolvidas e veiculadas em meios clássicos da comunicação, como a TV, por exemplo, ocupam um lugar de extrema importância na manutenção desses moldes hegemônicos no sentido em que reforçam padrões culturais supremacistas brancos, capitalistas e patriarcais. Narrativas importantes de serem mantidas na implícita e sutil disputa de poder e controle. O *youtube*, na expressão de produções como o #Youtubenegro e #Homemnegro, tem se tornado espaço de confronto a esses padrões culturais, produzindo novas representações e espaços de fala, evocando a potencialidade que há na nossa existência negra.

O campo da representação tem sido um lugar de poder e disputa ao observarmos a quantidade de produção midiática que expressa uma negritude positiva, sendo estas produções mínimas quando comparadas às tantas outras produções que negativam a personificação da negritude, direcionando então, para o fortalecimento e manutenção da supremacia branca e reforçando práticas racistas.

A necessidade da presença de negras/os no *youtube*, diz respeito não só à construção de novas imagens de negritude como maneira de desconstruir estereótipos sobre essa experiência, como postula Hall (2016) quando fala da construção imagética discursiva do ser negra/o. A

entrada de pessoas negras na plataforma possibilita tensionamentos, provoca novos desdobramentos nas representações e no imaginário de negritude, provocando rompimentos com as narrativas colonizadoras.

A internet possibilitou isso, à coisa da representatividade que a gente não tinha, a gente com internet começou a se ver em várias meninas e entender que não existe um padrão (Tati Sacramento, 1min40seg - 1min50seg, Mulheres negras e autoestima, 2016).

Até cinco anos atrás nossos processos eram muito solitários, eu pelo menos era muito solitária e hoje em dia eu tô num espaço, a internet, os coletivos me proporcionam buscar minha autoestima e me sentir uma pessoa cada vez mais confortável comigo de uma forma coletiva e eu acho incrível (Nátaly Neri, 1min1seg - 1min20seg, Mulheres negras e autoestima, 2016).

As falas acima, retiradas do episódio intitulado “Mulheres negras e autoestima - com Joyce Gerves e Tati Sacramento” da série #YoutubeNegro, trazem o vínculo entre negritude e representatividade e a importância em manter e criar espaços representacionais. Trazer essa temática é falar sobre identidade, construção de si. É pensá-lo enquanto ato político de resistência.

Quando, lidamos com o imaginário de negritude hegemônico, estamos lidando com uma concepção de sujeito negro pertencente às fantasias brancas sobre o que a negritude representa. Somos descritas/os e construídas/os a partir dessas fantasias, sendo elas enganosas quanto a quem somos. Enquanto sujeitos negros somos forçadas/os a desenvolver uma relação com nós mesmas/os, a nos constituirmos à partir da presença alienante da/o Outro/a branco/a (HALL *apud* KILOMBA, 2019). Estamos presas/os a uma ordem, um controle colonial, como elucidada Bruno Cândido, durante o segundo episódio da série #HomemNegro, discutindo sobre masculinidade negra e a presença da/o Outra/o nessa construção:

O interessante, como eu falei, é entender que existe uma masculinidade hegemônica, do homem branco, e existe a nossa. E a nossa, é muito mais complexa porque envolve muitas coisas. A masculinidade do homem branco, foi criada pelo próprio homem branco. A nossa masculinidade enquanto homens negros, foi criada pelos outros. Então, quando a gente fala de debater esse assunto, a gente fala muito sobre mudar os nossos próprios comportamentos, obviamente, mas também é sobre questionar a forma que as pessoas criaram pra nós (Bruno Cândido, 9min42seg - 10min16seg, #HomemNegro2: Violência e encarceramento, 2018).

Somos a partir desse cenário, convocadas/os a nos movimentar para romper, a partir de novas produções, com a imagem de uma negritude a qual fomos por séculos submetidas/os. Encontrando na plataforma do *youtube*, nas produções de pessoas negras, um espaço para produção de novos significados e imaginário a respeito da negritude. Afinal, segundo hooks

(2019) “controlar as imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial”.

Precisamos traçar estratégias de produção que proponham a redefinição e recuperação de nossa própria história e realidade, sendo essas produções literárias, cinematográficas, midiáticas ou acadêmicas. As/Os produtoras/es de conteúdo negras/os, têm sido desafiadas/os a produzirem em seus conteúdos, novos discursos sobre raça e representação, trabalhando para o fortalecimento e transformação do imaginário sobre a negritude, ao tempo em que, provocam despertar político coletivo naquelas/es que as/os acompanham.

Vemos as produções #Youtubenegro e #Homemnegro como criações alternativas das quais provocam a subversão de imagens, enquanto espaços para transgressão dessas figuras imagéticas discursivas, espaços de transformação. Percebemos através destes, a busca para a construção de uma negritude positiva, uma negritude que fale de potencialidades e afetos e não sobre ódio e dor.

Mudar o imaginário, questionar o *status quo*, a maneira como pensamos a respeito de nós mesmas/os, transcende a experiência individual. A busca por essas mudanças está situada no campo político e, portanto, é de ordem coletiva. As produções dos canais não só têm surgido como fonte de resistência e oposição, como também têm sido um espaço de tornar-mo-nos sujeitos.

Segundo Kilomba (2019), nos tornamos sujeitos na medida em que definimos nossa própria história, estabelecemos identidades e as nomeamos. Nossa identidade tem sido apagada durante séculos, somos consideradas/os não como sujeitos, mas como a outridade da branquitude. Temos sido nomeadas/os e tendo nossas histórias narradas pela branquitude, sendo afastadas/os de qualquer noção de sujeito, situadas/os em um não lugar. Somos privadas/os ao direito de nos reconhecermos e nos enxergamos, isso fala da necessidade de produções que nos possibilitem a autorrepresentação, falar de nós mesmas/os, de nossas experiências enquanto elemento teórico.

Para hooks (2019), a representatividade é necessária quando compreendemos que não somos uma nação de iguais e que por esse motivo faz-se importante à reflexão de nossas diferenças enquanto comunidade para então podermos trabalhar pela igualdade.

3º Tópico - Relações e construções de afetividade negra

As relações afetivas, são algo do campo subjetivo, entretanto, ao esbarrar no fator negritude, na forma como é representada, amplamente narrada, podem ganhar novas nuances e problemáticas que aparentemente são de fórum particular, mas que se expandem e encontram

outras experiências similares em outras pessoas que compartilham dos mesmos marcadores. Há disputa de poder também sobre esses conteúdos.

A desarticulação e negação de nós mesmas/os é um plano político de colonização que, através da disseminação de narrativas, imagens, mensagens negativas sobre o nosso viver negro, provocam baixa autoestima em massa em jovens negras/os, sensação de insuficiência que ecoa não só no campo do trabalho, como também no espaço da construção da afetividade, não só direcionada a/ao outra/o que é igual a mim, como uma espécie de vírus, mas também, direcionado a nós mesmas/os (HOOKS, p. 46, 2019).

Torna-se evidente a partir das discussões evocadas por nós em diálogo com as obras produzidas por essa e esse *youtubers* negra/o que há uma pluralidade de formas de vivenciar o estar negro no mundo. Entretanto, vários pontos se encontram, revelando como se deu a colonialidade dos corpos pretos e seus efeitos na contemporaneidade.

Ancorados numa lógica colonizadora e racista, são produzidos estereótipos sobre os sujeitos negros, estereótipos esses que colocam a negritude num lugar de outridade, onde segundo Kilomba (2019) nos tornamos a representação mental de tudo aquilo que a branquitude rejeita. Somos colocadas/os num lugar de solidão e incapacidades. As fantasias da branquitude interferem violentamente na maneira como nos constituímos, nos percebemos e como nos relacionamos com outras/os.

As violências produzidas pelo racismo direcionadas às mulheres negras se manifestam de uma forma única, são direcionadas à essas mulheres o *racismo genderizado*. Nós, mulheres negras, experienciamos o *racismo genderizado*, termo utilizado por Kilomba (2019) para nomear a opressão racial vivida por mulheres negras. A fusão de raça e gênero significa às mulheres negras a ocupação de um não lugar sendo negligenciadas nas discussões isoladas do movimento negro e do feminismo ocidental. O racismo genderizado produz sobre nós negras, estereótipos que nos perseguem ao longo de nossas vidas.

Segundo Lorde (1894) citada por hooks (2018) às formas de racismo e machismo influenciam na constituição da identidade de mulheres negras. Tendemos a internalizar o imaginário sobre negritude produzido pela branquitude, onde somos ensinadas/os a pensar a negritude como algo repulsivo, onde são excluídas possibilidades de auto-amor, de uma negritude regada de afetos. Veiga (p. 78, 2018) compreende que esse racismo, machismo e lgbtfobia são expressões do violentamento sobre o corpo. Ainda segundo o autor, essas violências agem em direção a uma colonização das subjetividades, um procedimento que explora, inferioriza e reduz a/o outra/o que está fora da norma

Ainda como fruto do racismo genderizado, os estereótipos interferem diretamente na construção de nossos afetos. Somos violentadas/os quando as fantasias racistas interferem na maneira como nos constituímos e como nos relacionamos conosco e com terceiros. Nátaly Neri em diálogo com Murilo Araújo no vídeo intitulado “Relacionamentos e afetividade negra” dialogam a respeito da construção dos afetos pretos.

A gente tem essa construção do ser negro como não afetivo, como não capaz de se envolver romanticamente. Então, o negro sempre esteve relacionado a força, ligado ao instinto, sempre esteve ligado ao que é forte, ao que é visceral, ao que é carnal, ao que é físico, ao passo que o amor romântico é uma construção completamente... sabe... sofisticada. Quando a gente fala de amor, a gente fala de construção de um conceito que se afasta muito do que é a construção social do ser negro (Nátaly Neri, 4min 56seg - 5min32seg, Relacionamentos e afetividade negra, 2016).

A fala de Sam Gomes no quinto vídeo da série #HomemNegro intitulado: bichas pretas e a masculinidade, elucida como o marcador racial influencia nas escolhas de parcerias afetivas homossexuais. A fala do criador de conteúdo é iniciada ao dizer que levou isso para sua terapia e finalizada ao contar como isso reverberou de tal forma que em dado momento da vida o fez entender que para ser escolhido, ele precisaria ser um homem gay branco, ou o mais próximo possível. Sam ainda traz em seu relato que se violentou queimando o couro cabeludo para tentar se aproximar ao máximo do que seria um homem branco.

[...] eu comecei a me questionar: por que é que eu não gostava de ir pra balada mais? Sendo que eu sempre gostei de ir e dançar? E aí eu comecei a perceber que não ia mais pra balada porque eu cansei de ser preterido. Eu cansei de ir para lugares e pagar pra estar naqueles lugares e ser sempre a última escolha, ou só conseguir ficar com alguém se estivesse muito bêbado, porque ninguém ia chegar em mim. E aí o sexo no começo da minha aceitação, era uma coisa muito clandestina, por conta até da vivência que eu tenho, religiosa. E que, naquele momento, o sexo pra mim era o máximo que eu poderia ter de aconchego de alguém (Sam Gomes, 9min32seg - 10min08seg, #HomemNegro5: Bichas pretas e a masculinidade, 2018).

Há uma construção do branco enquanto aquele que se deve toda reverência, o belo, o inteligente, o confiável. É esse o referencial que se vê em um rápido pesquisar de imagens na internet, ou no simples clique ao ligar a TV, assistir um filme, ver uma série. É uma construção que vai do nível estético, ao nível cultural e que se tornou em dado momento da história, um projeto de incentivo político: só se conseguiria um progresso, se houvesse um branqueamento populacional (MUNANGA, 1999).

[...] a gente aqui falando sobre sexualidade, e eu começo a pensar que: esse lugar de negação da bicha preta, põe a gente num lugar de risco maior ainda do que de qualquer outra pessoa, sabe? Temos aí campanhas e tal, temos aí a camisinha que é de fácil acesso hoje. Porém, esse lugar de tipo: eu quase não acho ninguém pra fazer sexo. Quando eu acho, muitas vezes faz com que a

pessoa se submeta a coisas que faz ela fugir dessa ideia de sexo seguro (Jean Fontes, 11min18seg - 11min47seg, #HomemNegro5: Bichas pretas e a masculinidade, 2018).

A fala de Jean Fontes também presente no quinto vídeo da série demonstra como se expressa a construção de narrativas sobre a negritude, sua representação. Somos encarados/as como massa homogênea quando elementos negativos são percebidos em um dos/as nossos/as. Mas, como bem coloca Fanon (2008), a cor da nossa pele não importa ao serem feitas as escolhas afetivas amorosas, entretanto, é a primeira coisa evocada no momento do término.

O conjunto de artifícios políticos racistas que construíram e constroem imaginários negativos sobre o nosso viver negro, nossas experiências, não só nos produziu enquanto pessoas que odeiam a si próprios/as, como pessoas que rejeitam as características que nos identificam enquanto povo, que compartilham uma ancestralidade. Esses artifícios minam nossas possibilidades de ser.

No plano coletivo, carregamos sobre nós as características negativas de humanidade, somos os/as subalternizados/as (KILOMBA, 2019). Esse coletivo ao dialogar com o nosso individual nos machuca. Somos sujeitos incompletos como diria Kilomba (2019) porque nossas demandas não estão no plano coletivo. Entretanto, a cobrança feita a nós é enquanto povo, enquanto coletividade. Nesse sentido, as maneiras coloniais de subjetivação nos colocam em um labirinto onde é impossível amar a nós mesmos/as e, conseqüentemente, aqueles/as que são parecidos/as conosco.

Essa estratégia de nos subalternizar que escoa em estratégias nocivas, como as citadas por Jean Fontes, para receber mínimos momentos de afeto, onde o nosso corpo é sobreposto a nós mesmos/as, em que nos coloca em constante vigilância se estamos sendo amados/as ou apenas sendo hiperssexualizadas/os, faz parte de um discurso implícito que, ao nos separar também no campo afetivo, enfraquece nosso autoreconhecimento e nos deixa mais suscetíveis ao alienamento coletivo. Um discurso que parece meramente estético, mas possui fundo estratégico, desconcertante e de controle por meio de discursos que reproduzem o período de colonização.

Há um entrelaçamento dos problemas, um cruzamento de fatores. Como discutido por Kilomba (2019), não somos sujeitos completos porque não conseguimos ter nossas pautas reconhecidas a nível global, porém, são nossas pautas que recaem sobre nós no campo da afetividade. Que deveria ser individual.

As produções midiáticas ocupam um lugar de extrema importância na manutenção desses moldes hegemônicos no sentido em que reforçam padrões culturais supremacistas

brancos, capitalistas e patriarcais. Quando Nátaly Neri e Murilo Araújo (2016) se propõem a falar sobre a potência da afetividade negra e sua real possibilidade, ambos produzem furos nos discursos fantasiosos da branquitude.

A gente já tem muitas amarras paras nossas relações, não é bom deixar que o racismo seja mais uma delas e isso serve para nós, pessoas negras, que precisamos empoderar as nossas afetividades (Murillo Araújo, 8min58seg - 9min08seg, Relacionamentos e afetividade negra, 2016).

Aprendemos a renunciar nossa negritude; somos criadas/os pensando que só é possível conquistar algum tipo de triunfo, ascensão social e econômica, deixando nossa negritude de lado. É uma problemática marcada na nossa própria identidade, construída de maneira com que pensemos que nossas lutas são individuais, desarticuladas com o coletivo (HOOKS, 2019). A partir disso, acreditamos que a afetividade negra é uma afronta, um ato transgressor onde são desafiadas as estruturas da fantasia do branco. O auto-amor é símbolo de resistência. O amor é, nesse contexto, uma arma de combate às estruturas colonizadoras. Como nos diz hooks (2019): “Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que toma as vidas negras” (p. 63).

CONCLUSÃO

Percebemos a partir do percurso que construímos nessa escrita conjunta, que as juventudes têm feito uso dos meios eletrônicos enquanto dispositivos presentes nos seus cotidianos. Quando somado ao uso das mídias digitais, há também a emergência de experiências políticas e de compartilhamento sobre suas vivências.

Nesta dinâmica, ao observarmos as/os jovens negras e negros que fazem uso desse instrumento enquanto forma de construir uma imagem positiva para experiência negra, compreendemos que estas/es ecoam vozes de luta, partindo de suas experiências subjetivas para falar e dialogar com experiências coletivas, sem que para isso, seja feita uma essencialização do ser estar negro no mundo.

Reconhecemos que as mídias digitais são meios que reproduzem as experiências da vida offline, portanto, é também campo de disputa de discursos. A (r)existência de pessoas negras nesse espaço tem possibilitado que vozes não hegemônicas venham à tona, recuperando para nós, negras e negros a capacidade de falarmos sobre nós; de não estarmos à espreita de um imaginário branco.

As produções midiáticas ocupam um lugar central na manutenção dos moldes hegemônicos no sentido em que reforçam padrões culturais supremacistas brancos, capitalistas

e patriarcais. Com a democratização da internet residencial, surgem espaços de mídias alternativas na qual os sujeitos têm autonomia no processo de produção e construção das mais diversas narrativas

Entretanto, é de suma importância reconhecer que a parcial democratização provocada pela internet e os diversos processos que ainda impedem que outras/os negras/os acessem esse espaço. Somado a isso, reconhecemos que o trabalho de despertar político provocado por estas personalidades deve estar alinhado ao engajamento político da vida fora das mídias digitais, para que mais mudanças também sejam feitas.

Nátaly Neri e Murilo Araújo têm promovido espaços de enunciação de si, de suas trajetórias e negritudes, produzindo espaços potentes que possibilitam encontros com outras/os, que se assemelha a nós, que gera em outras/os, inquietações e reflexões sobre suas identidades. Essas narrativas têm ajudado a firmar bandeiras de luta de nossa sociedade a partir dos meios de comunicação alternativos, proporcionando um lugar de fala em um amplo alcance.

Compreendemos, portanto, que os movimentos e discursos de caráter político, tem consolidado, a partir de um processo democrático interno comunicacional a constante busca pela conquista da igualdade social (COGO; LOPES, 2013). As produções dos jovens, são de extrema relevância diante do cenário político conservador e legitimador de violências, no sentido em que propõe a manutenção de discursos que contestam as narrativas supremacistas e colonizadoras.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Carla de. Narrativas Digifeministas: arte, ativismo e posicionamentos políticos na internet. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 2, n. 4, p. 134-152, 2017.
- CARVALHO, Luiza Sousa de. O encarceramento em massa da população negra, agenciado pelo estado brasileiro, como um mecanismo do genocídio anti-negro. Enpess. 2018.
- CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 2009.
- COGO, Denise; LOPES, Daniel Barsi. Juventude e cidadania: uso das mídias digitais na ONG Aldeia, em Fortaleza. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 10, n. 27, pp. 13-33, 2013.
- EXAME. Racismo e mercado de trabalho: os desafios da população negra no Brasil. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/racismo-e-mercado-de-trabalho-os-desafios-da-populacao-negra-no-brasil/>. Acesso: 16 de mai 2020.

G1. Negros e pardos ocupam só 10% dos cargos de chefia, diz pesquisa. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/11/negros-e-pardos-ocupam-so-10-dos-cargos-de-chefia-diz-pesquisa.html>. Acesso: 16 de mai 2020.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e estado.**, Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 25-49, Abr. 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Ana Claudia Florindo; MARTINS, Raquel; OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula. **Instituto de Estudos Brasileiro**, São Paulo, v. 1, n. 64, p. 183-200, ago. 2016.

FERNANDES, Gilson; AZEVEDO, Núbia; SANTOS, Solange; PRATA, Nair. O rap como ferramenta de resistência: A influência da musicalidade de Djonga para a construção de sentido da luta negra no País. **Intercom**, Espírito Santo, v. 1, n.01. p. 1-15, jun. 2019.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Ed. 1. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HOOKS, Bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. Ed. 1. São Paulo: Elefante, 2019.

KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Políticas de informação, construção de redes e diversidade cultural. In: GOBBI, Maria Cristina; KERBAUY, Maria Teresa Miceli (Orgs.) **Televisão Digital: informação e conhecimento [online]**. São Paulo: Ed. Editora UNESP: **Cultura Acadêmica**, 2010.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano**. Ed. 1. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAVOR FILHO, Tadeu Lucas de *et al.* Análises Interseccionais a Partir da Raça e da Classe: Medo do Crime e Autoritarismo no Brasil. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 38, n.2, p. 223-237, 2018.

LEITE, Ilka Boaventura. Prefácio: Branquitude: a mais nítida face do racismo no Brasil e no mundo. In: CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. **Branquitude: dilema racial brasileiro**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Ed.1. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, José Alberto. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, n. 18, p. 248-285, jul./dez., 2007.

MAIORES E MELHORES. Os 10 maiores canais do Youtube do Brasil e do Mundo [2020]. 2020. Disponível em: <https://www.maioresemelhores.com/maiores-canais-do-youtube-do-brasil-e-do-mundo/>. Acesso em: 07 de dez. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia H.S.; FILHO, João Freire. Culturas juvenis no século XXI. São Paulo: Educ, 2008.

MATOS, Daniela Abreu; MAIA, Jussara Peixoto; VILAS-BOAS, Valéria Maria. Os tempos no Paraguaçu: juventude, mediações culturais e Youtube. **Galáxia** (São Paulo), São Paulo, n. 1, p. 61-73, Ago. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532019000400061&lng=en&nrm=iso>

MBEMBE, Achile. Crítica da razão negra. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOLITERNO, Eco. Qual o Segredo do Sucesso no Youtube? 2017. Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/ptbr/advertising-channels/v%C3%ADdeo/qual-o-segredo-dosuccesso-no-youtube/>>. Acesso em: 03 mai. 2020.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil - Identidade Nacional versus Identidade Negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, Dec. 2006.

NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 408-412, Dec. 2005.

RANCIÈRE, J. O desentendimento: política e filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

RIGHI, José Volnei. **Rap**: Ritmo e Poesia Construção identitária do negro no imaginário do rap brasileiro. 2011. 515f. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: Acesso em: 16 mai. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra. v. 78. n. 1. p. 3-46, Out. 2007.

SANTOS, Gisele Moreira. Protagonistas de si: Representatividade e intelectualidade no youtube. **Revista de Crítica Cultural.**, Santa Catarina, v. 7, n. 1, p. 77-92, fev. 2019.

SANTOS, Kywza Joanna Fideles Pereira dos; FALCÃO, Carolina Cavalcante. Que negros e negras são esses(as) do Youtube? Pensando a negritude e as formas de identidade a partir das narrativas exemplares. *Revista Focos Perspectiva*, v. 22, n. 1, 2019.

SASSE, Cintia; OLIVEIRA, Nelson. INVISÍVEL NAS ESTATÍSTICAS, POPULAÇÃO DE RUA DEMANDA POLÍTICAS PÚBLICAS INTEGRADAS, 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/especial-cidadania-populacao-em-situacao-de-rua>>. Acesso em: 03 mai. 2020.

SCANDIUCCI, Guilherme. Cultura hip hop: um lugar psíquico para a juventude negro-descendente das periferias de São Paulo. **Imaginário**, São Paulo, v. 12, n. 12, p. 225-249, jun. 2006.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. *Tabuleiro de Letras*, v. 12, p. 77, 2018.